

PROJETO PARA INÉDITOS

Maria Lúcia Palma Gama

Para nós, que trabalhamos há algum tempo no Instituto de Estudos Brasileiros, com o material do Arquivo Graciliano Ramos, tem sido bastante freqüente depararmo-nos com manuscrito ou página publicada em periódico, que não apareceu posteriormente em livro.

Através das cartas de Graciliano, de informações de familiares e de publicações recentes, ficamos cientes de que desde aos 12 anos ele já escrevia sonetos, artigos e crônicas em jornais e revistas, tais como: *O Echo Viçosense*, *o Correio de Maceió*, *O Malho*, *O Índio* etc.

Também, por toda a sua história de vida, sabemos que Graciliano, severo e exigente consigo mesmo, não pensava em publicação mais duradoura para este material.

No trato com as pastas de recortes do AGR, vimos crescer o rol de crônicas, discursos, fragmentos — páginas que só foram lidas por seus contemporâneos.

Nosso projeto, em parte executado, pretende entregar à disposição dos estudiosos interessados os textos desconhecidos até agora. É importante notar que é precário o estado dos documentos — suportes não apropriados, falta de condições propícias para a proteção e conservação dos manuscritos — daí a urgência maior desse trabalho.

Para tanto, inicialmente completaremos a pesquisa, tentando reunir toda a obra de Graciliano no Instituto de Estudos Brasileiros, visto que o IEB já conta com a maior parte dos manuscritos e dos recortes, doados pela família.

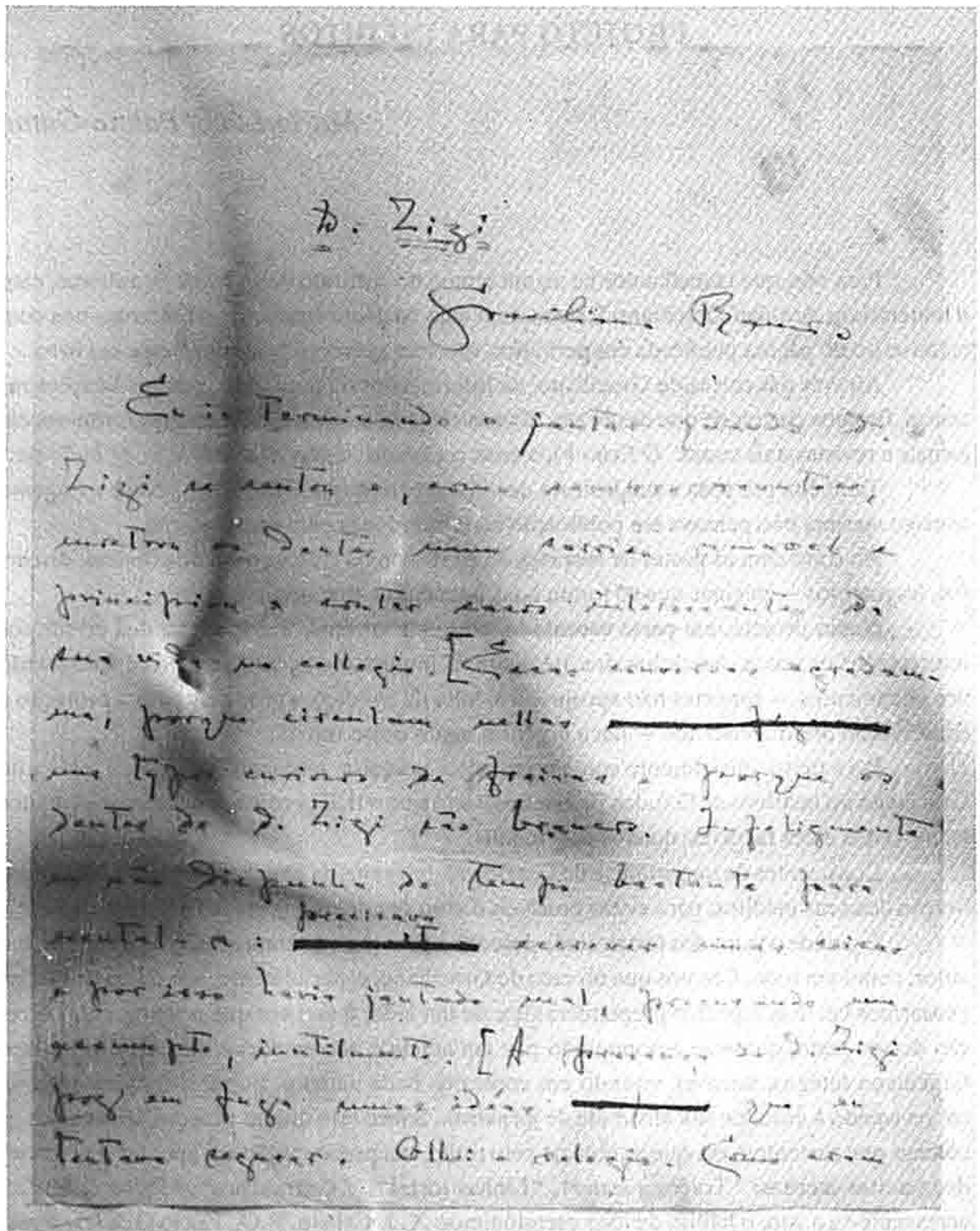
Conscientes da importância de Graciliano, julgamos da maior relevância a contextualização dos seus inéditos, para evitar possíveis distorções de interpretação e julgamento.

É grande o valor dos textos ainda desconhecidos para a compreensão da obra e de seu autor, como um todo. Cremos que no caso de Graciliano, especialmente, isto é imperativo, se pensarmos em dois aspectos preponderantes: de um lado, o escritor que primava pela correção de seu texto, quase se autopunindo por um adjetivo não essencial; de outro, o homem Graciliano íntegro, sensível, vivendo em contextos nada amenos, ou mais freqüentemente, sobrevivendo à custa de sua atividade de jornalista. Sobre este último aspecto, lembramos as colunas que sustentou, em que se nota, já pelo título, sua preocupação em apontar a precariedade destes escritos: "Traços a esmo", "Linhas tortas", "Garranchos", "Fatos & Fitas"; acrescentando-se a isto, o hábito de usar pseudônimos: X, J. Calisto, R.O., Lúcio Guedes, Anastácio Anacleto etc.

Vale a pena rastrear esses inéditos; vejamos do que tratam alguns deles.

A crônica "D. Zizi", que consta no AGR em forma de manuscrito e recorte, põe em cena a vizinha de pensão, "amável senhora de dentes brancos", que lhe forneceu assunto para esta página. Vamos surpreender na linguagem coloquial a sensibilidade quase enternecida frente à personagem, que narra fatos de sua adolescência num colégio de freiras, mostrando-nos a origem de sua aversão à Igreja.

Numa outra página, a pedido de Condé, Graciliano expõe como foi a concepção de Paulo Honório: inicialmente num clima de grandes dificuldades em que desejou suicidar-se; e crê realmente ter-se "suicidado" — 1924, viúvo, com 4 filhos pequenos para sustentar, sentindo-se velho, bloqueado pela atividade comercial, incapaz de escrever ("Escrever, hoje, com a minha idade?" ... Carta a um amigo). Surge então um criminoso, "resumo de certos pro-



Arquivo IEB

Manuscrito da crônica "D. Zizi" publicada em *Vamos ler* e inédita em livro.

prietários rijos do Nordeste" . Nasce o personagem que será abandonado por 8 anos, até um novo período de crise. Sem recorrer ao manuscrito, retomou a figura do criminoso, "fazendeiro cru" , e escreveu 18 capítulos de *S. Bernardo*, na sacristia da igreja do padre Macedo, seu amigo. Problemas de saúde, uma operação, longa convalescença, e, ao sair do hospital, recomeça o trabalho que termina no Pinga-Fogo. O pai também lhe forneceu ingredientes para o personagem: a carranca e fragmentos de velhas narrações. A linguagem de Paulo Honório, conta-nos, foi tomada por consultas pacientes, a irmãos e cunhados, " gente matuta" . Assim, houve três redações: uma em 24, duas em 32. " Em novembro Paulo Honório me parecia mais ou menos apresentável. Acompanhou-me à capital. Valdemar Cavalcanti datilografou-o. Gastão Cruls editou-o. E os críticos lhe dispensaram algumas cortesias" .

Numa carta-aberta, Graciliano, candidato a deputado, dirige-se a seus " raros ami-



Arquivo IEB

Graciliano Ramos ao lado de Abgar Bastos. 4º Congresso de Escritores promovido pela ABDE, em Porto Alegre, RS, 1951.

gos" de Alagoas; desculpa-se por ter que falar de si, num retrospecto de sua vida política. Apela às pessoas para que votem nos candidatos do Partido Comunista, "único capaz de nos livrar da horrível situação em que vivemos"; encarece a importância do momento de elaboração de uma Constituição, para a qual devem predominar os votos da "gente infeliz" e não da minoria, que é a classe dominante.

Com humor e ironia fala-nos dos "comandantes de burros", encarregados de tomar conta dos animais que serviram para afugentar Lampião. Sintetiza em três magras opções os destinos dos homens do Nordeste: morrer de fome, assentar praça na polícia, emigrar para o Sul. Comenta os graus de transformação por que passa o caboclo: apanha sempre, desde menino, do pai, da mãe, dos parentes mais velhos, do proprietário, do cangaceiro, do soldado na cadeia. Se não morre das sovas, toca-se para São Paulo, ou espera que as "cacimbas se esgotem". Sente ódio, então, a Deus e aos homens que o tratam mal. Pensa vingar-se. Arranja uma apresentação de alguém importante, um jeito de ir para a capital, de onde volta algum tempo depois, falando difícil, pernóstico, maltratando os mais fracos; será, então, certamente, alguma coisa importante. Por exemplo, Comandante de Burros.

Graciliano em "Uma visita inconveniente" narra a história dos contatos de um sociólogo estrangeiro com gente da terra. Sua ironia perpassa tudo, desde o confronto da pobreza dos pertences do "sábio" com a riqueza dourada do "palácio do governo" local; com a mesma ironia compara o conteúdo do "embrulho" do sábio — "as transações humanas dos tempos pré-históricos e as do futuro" — e a colaboração de S. Excia, o governador — as duas linhas e os "minutos precisos e regulamentares" de conversa em que a autoridade marca presença, pensando porém em assuntos pessoais. O funcionário encarregado de acompanhar o sociólogo, solícito, leva-o a secretarias e diretorias; o estrangeiro exigindo pormenores e os da terra "alargando-se em considerações" não encomendadas. Tudo foi vasculhado pelo visitante ilustre até que desejou ver as escolas; numa sala de aula ouvia do professor (envaidecido por sua presença) uma "preleção muito verbosa" sobre a origem dos nossos indígenas, reportando-a a "egípcios e fenícios, tantos séculos antes de Cristo". O visitante, estupefato, arregalava os olhos e o funcionário acompanhante desejou que não estivesse entendendo a linguagem do pernóstico professor. Mas, o sociólogo lhe dirige a pergunta acachapante: "— Os senhores não têm programa? Um homem pode ensinar isso na escola?"

Em qualquer destes textos, ainda que destinados ao rápido consumo do jornal, há sempre a marca do Autor: a transparente retidão de seu caráter, seu humor irônico e o profundo respeito para com o destinatário de sua obra.

PAULO HONÓRIO

Graciliano Ramos

Paulo Honório, concebido em 1924, nasceu em 1932. Narro essa longa gestação, por exigência de Condé, homem terrível e absurdo, que guarda fotografias e papéis inéditos de todo o gênero, da novela ao rol de roupa suja, do poema à carta de cobrança, autos de processo e cor-

repondência amorosa, coisas obtidas pelos mais diversos meios; sorrisos, pagamento do café, do ônibus e do bonde, ameaças, gritos, carinhos, promessas, injúrias, cócegas, apresentação a cavalheiros ponderosos e chantagens, pois o monstro conhece fidalgos estrangeiros e funcionários da polícia. Para me extorquir estas declarações, Condé me ofereceu, antes de tudo, a glória. Como a sua coleção durará séculos, posso ter a certeza de que, senão a obra inteira, pelo menos uma das minhas personagens tomará pé no futuro. Em segundo lugar vem um assunto pecuniário: o malvado farejou o meu orçamento, percebe nele um desequilíbrio e dispõe-se a endireitá-lo.

— Com meia dúzia de penadas, V. ganha um dinheirão, filho de Deus.

O jeito que tenho é convencer-me, decidir contar a origem de Paulo Honório, alagoano, viçosense, chegado ao Rio há doze anos e hospedado na Ariel.

Aqui vai a tarefa. Em 1924, em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas, encontrei dificuldade séria, pus-me a ver inimigos em toda a parte e desejei suicidar-me. Realmente julgo que me suicidei. Talvez isto não seja tão idiota como parece. Abandonando o contas-correntes, o diário, outros objetos da minha profissão, havia-me embrenhado na sociologia criminal. Que me induziu a isso? Teria querido matar alguns fantasmas que me perseguiram?

Naquele inverno de 1924, numa casa triste do Pinga-Fogo, sentado à mesa da sala de jantar, fumando, bebendo café, ouvindo a arenga dos sapos, o mugido dos bois nos currais próximos e os pingos das gotteiras, enchi noites de insônia e isolamento a compor uma narrativa. Surgiu um criminoso, resumo de certos proprietários rijos existentes no Nordeste. Diálogo chinfrim, sintaxe disciplinada, arrumação lastimosa. Felizmente essas folhas desapareceram. Mas as preocupações que me afligiam desapareceram também, pelo menos adelgaçaram: ressurgi, desenferrujei a alma, tornei-me prefeito municipal. Aventuro-me a admitir, pois, que o suicídio se tenha de fato realizado.

Passaram-se anos. Deixei a prefeitura, vendi a loja, mudei-me para Macció e fui bocejar, falar ao telefone e discutir literatura na Imprensa Oficial. Em consequência da bagunça revolucionária de 30, demiti-me — e no começo de 1932 arrastava-me de novo em Palmeira dos Índios, com vários filhos pequenos, sem ofício nem esperanças, enxergando em redor nuvens e sombras.

Nessa crítica situação voltou-me ao espírito o criminoso que em 1924 me havia afastado as inquietações — um tipo vermelho, cabeludo, violento, de mãos duras, sujas de terra como raízes, habituadas a esbofetear caboclos na lavoura. As outras figuras da novela não tinham relevo, perdiam-se à distância, vagas e inconsistentes, mas o sujeito

casco e grosseiro avultava, no alpendre da casa-grande de São Bernardo, metido numa cadeira de vime, cachimbo na boca, olhando o prado, novilhas caracas, habitações de moradores, capulhos embranquecendo o algodoal, paus-d'arco floridos a enfeitar a mata. E, sem recorrer ao manuscrito de oito anos, pois isto prejudicaria irremediavelmente a composição, restaurei o fazendeiro cru, a lápis, na sacristia da igreja enorme que o meu velho amigo padre Macedo andava a construir. Surgiram personagens novas e a história foi saindo diversa da primitiva.

Até o capítulo XVIII tudo correu sem transtorno. Um dia de fevereiro, ao entrar em casa, senti arrepios. À noite, com febre, fiz o capítulo XIX, uma confusão que mais tarde, quando me restabeleci, conservei.

A doença prendeu-me à cama uns três ou quatro meses. Viagem a Maceió, exames, diagnósticos equívocos, junta médica, entrada no hospital, operação, quarenta e tantos dias com um tubo de borracha a travessar-me a barriga, delírios úteis na fabricação de um romance e de alguns contos, convalescença morosa.

Ao sair do hospital, com uma perna encrocada, coxo, na ferida ainda aberta uma tampa de esparadrapo, recomecei o trabalho, que fui terminar em Palmeira dos Índios, na minha casa do Pinga-Fogo, ouvindo os sapos, a ventania, os bois de seu Sebastião Ramos. Às vezes meu pai me visitava carraneado, largava uns monossílabos. A carranca e fragmentos de velhas narrações dele combinaram-se na edificação de Paulo Honório. Infelizmente esse colaborador morreu em 1934 e não chegou a ler o romance.

A língua, as imagens rurais, apanhei-as em consultas pacientes a meus irmãos e cunhados, gente matuta. Usei com abundância antigas expressões portuguesas que circulam em todo o Nordeste.

Finda a escrita, copiei-a, tentando suprimir-lhe excrescências e acessórios dispensáveis. Houve, pois, três redações: uma, completamente abandonada, em 1924, duas em 1932. Esforcei-me em demasia para conseguir simplicidade.

Em novembro Paulo Honório me parecia mais ou menos apresentável. Acompanhou-me à capital. Valdemar Cavalcanti dactilografou-o. Gustavo Cruls editou-o. E os críticos lhe dispensaram algumas cortesias.

Em Palmeira dos Índios, onde foi gerado, ninguém deu por ele. Apenas seu Digno, parente de minha mãe, vaqueiro, informado de que certo livro tinha sido feito por mim, desconfiou, duvidou. E como lhe falassem com segurança, pegou a brochura, mediu-a, pesou-a, examinou-lhe a capa, a ilustração de Santa Rosa — e opinou:

— Quem diria? Sim, senhor. Está um trabalhinho direito.

COMANDANTE DE BURROS

Graciliano Ramos

Quando Lampião esteve no município de Palmeira dos Índios, onde se demorou alguns dias mandando bilhetes para a cidade e sem poder entrar nela, trazia mais de cem homens que não se escondiam na capoeira nem transitavam em veredas. Corriam pela estrada real, bem montados, espalhafatosos, pimpões, chapéus de couro enfeitados de argolas e moedas, cartucheiras enormes, alpercatas que eram uma complicação de correias, ilhós e fivelas, rifles em bandolcira, lixados, azeitados, alumando.

O Major José Lucena, chefe do destacamento que perseguia bandidos, notando a pequena eficiência da sua tropa de peões, entendeu-se com os proprietários sertanejos, que lhe ofereceram cavalos e burros para o restabelecimento da ordem. Houve algumas escaramuças e Lampião deixou Alagoas, tomou rumo para o Rio Grande do Norte, entrou em Mossoró, onde Jararaca morreu e a cabroeira se espalhou.

Os burros se tornaram inúteis.

O Major Lucena separou-os em dois lotes, mandou um deles para um engenho de Viçosa, o outro para uma povoação de Palmeira dos Índios.

Neste tempo o Sr. Álvaro Paes, que projetou e iniciou trabalhos excelentes de organização municipal, viajava todas as semanas pelo interior do Estado. Foi um viajante incansável e chegou a conhecer perfeitamente as árvores e os homens do sertão.

Um dia parou num povoado, com o intuito de ensinar aos matutos a cultura da pinha, da mamona e de outros vegetais que se desenvolviam bastante na imprensa da época. Estava tratando de convencer o maioral da localidade quando se aproximou dele um soldado com duas fitas, um botão fora da casa, chapéu embicado, faca de ponta à cinta. Continência e apresentação:

— Pronto, seu Governador, cabo fulano, comandante dos burros do Major Lucena.

Era o encarregado de tomar conta dos animais que tinham servido para afugentar Lampião.

Esta história podia findar aqui, mas não serão talvez excessivas

algumas palavras sobre a classe a que pertencia esse extraordinário comandante. Horrível. Sujeitos insolentes, provocadores, preguiçosos.

A parte mais forte da nossa população rural está com Lampião – os indivíduos que dormem montados a cavalo, os que suportam as secas alimentados com raiz de imbu e caroços de mucunã, os que não trabalham porque não tem onde trabalhar, vivem nas brenhas, como bichos, ignorados pela gente do litoral.

Os que não têm coração mole encontram-se, quando o verão queima a caatinga, numa situação medonha. Três saídas: morrer de fome, assentar praça na polícia, emigrar para o sul. Antes da morte, da emigração ou da farda, essas criaturas são maltratadas pelas diligências, que não querem saber quem é bom nem quem é ruim: espancam tudo.

O caboclo apanha bordoadas sempre: apanha do pai, da mãe, dos tios, dos irmãos mais velhos; apanha do proprietário, que lhe toma a casa e abre a cerca da roça para o gado estragar as plantações; apanha do cangaceiro, que lhe raspa o osso da canela a punhal e lhe deita esportes nas pálpebras para ver a mulher, a filha e a irmã serem possuídas. E se um inimigo vai à rua e o acusa, o delegado manda prendê-lo e ele agüenta uma surra de facão no corpo da guarda, outra de cipó de boi no xadrez, aplicada pelo preso mais antigo, que recebe os quinhentos réis do torno e é o juiz da cadeia.

Suporta esses últimos tormentos resignado, quase com indiferença, porque enfim prisão se fez para homem e apanhar do governo não é desfeita. Às vezes morre das sovas. Outras vezes atira-se para São Paulo, para o Espírito Santo, para algum lugar onde haja café. Ou espera que a lagarta coma o algodão e as cacimbas se esgotem.

Nesse ponto sente ódio a Deus e aos homens, que o tratam mal. Tem vontade de vingar-se. Pede um cartão ao doutor juiz de direito, vende o cavalo, arranja o malote e marcha para a capital, donde volta alguns meses depois, transformado, calçando perneiras, vestindo uniforme cáqui, falando difícil, terrivelmente besta, desconhecendo os amigos e perguntando o nome das coisas mais vulgares.

Abre as vogais escandalosamente, diz *exercito*, *serviço*.

Anda a peneirar-se, todo pachola, com o quepe de banda, a grenha aparecendo por baixo da pala.

Bebe, não trabalha, dorme demais.

À noite mete-se nos botequins dos bairros safados ou derruba as portas das meretrizes.

É mais ou menos casado com uma sujeita que lhe prepara a comida, lava a roupa e possui um baú de folha, um sagüi e um papagaio.

Vai aos batuques de ponta de rua, sem ser convidado, e é bem recebido. Muita consideração. Mas quer dançar com todas as damas, e se alguma lhe mostrar má cara, faz um barulho feio: apaga-se a luz e a festa acaba em pancadaria.

É vaidoso, cheio de suscetibilidades. Importância imensa. Em horas de aborrecimentos sai à calçada do quartel, nu da cintura para cima, e grita:

– Esta terra não tem homem.

Como nenhum homem responde, torna a gritar:

– Apareça um.

Ninguém aparece.

Vai para as encruzilhadas tomar as facas dos matutos. Os matutos que têm facas levam murros porque são desordeiros, os que não têm facas levam murros porque são mofinos.

Levam murros e sentem, como é natural, o desejo de ser soldados; o desejo de cochilar horas e horas, de papo para cima, sem obrigações, sem exercícios, sem a botina quarenta e quatro a apertar-lhes os calos; o desejo de beber vinho branco na feira e pisar os pés dos pobrezinhos que só têm armas fracas: o buranhém e a quicé de picar fumo; o desejo de comer em demasia; o desejo de tomar as mulheres dos outros; o desejo de comprar fiado nas bodegas, sem intenção de pagar.

Um cartão do doutor juiz de direito, do doutor promotor público ou do coronel chefe político tem muito valor.

Entrouxam a roupa e embarcam.

Quando voltarem, dormirão tranquilos, baterão nas prostitutas, beberão cachaça nas toldas, em companhia do inspetor e do subdelegado.

E serão, com a ajuda de Deus, alguma coisa grande. Comandante de burros, por exemplo.

Jornal de Alagoas, 27/maio/1933.

MEUS RAROS AMIGOS DE ALAGOAS:

Depois de longa ausência, aqui me vejo a conversar com vocês, como se nos achássemos em Palmeira dos Índios, na Imprensa Oficial, numa dessas redações onde batíamos papo ou no café do Cupertino. A conversa é talvez impertinente. Uma única vez, depois de nos separarmos, tive ensejo de falar sobre pessoas e fatos alagoanos: referi-me a Nelson Flores [,] Pedro Lima e às enchentes, mas parece que estes assuntos foram aí considerados impróprios. Arrisco-me a nova palestra, ou antes sou forçado a ela. Nestes últimos dez anos o mundo tem dado tantas voltas que estive a pique de fazer uma viagem a Alagoas, só desistindo da idéia porque, tendo aqui aportado em porão de navio muito vagabundo, não achei conveniente regressar num aeroplano. Perdoem-me a citação desses pequeninos casos pessoais, absolutamente desprovidos de interesse. Mas é talvez necessário aludir a eles. Não é que se lembraram de fazer de mim candidato a deputado? Vejam só. Pois nesse caráter dirijo-me ao público de que disponho na terra dos marchais e dos generais — duas dúzias de pessoas, se tanto. Seria conveniente aqui apresentar-lhes um rol de serviços notáveis, dizer-lhes que fiz diversas coisas e sou capaz de fazer muitas outras, mas receio ver alguém enganar-se e votar [em] mim julgando-me um sujeito importante, um desses operadores de milagres nunca percebidos. As duas dúzias de amigos hoje mencionados, em hora de otimismo, sabem que nunca levei o S. Francisco a Quebrangulo, feito aí já realizado com honra e glória. Aludo, portanto, à minha saída, em 1936, dessa província, fato mingudadamente glorioso, que pouco me recomenda à simpatia do eleitor. E com isto declaro não desejar pertencer a nenhuma instituição em que seja necessário fazer discursos.

— Uvas verdes, dirão vocês.

De modo nenhum, pois estou a escrever-lhes na qualidade de postulante — incongruência visível que tento desmanchar. Entre ser literato medíocre ou deputado insignificante, prefiro continuar na literatura e na mediocridade. E digo isto sem falsa modéstia. Reparem na significação exata das palavras. Não considero a minha literatura insignificante: ela é apenas medíocre e, por conseguinte, mais ou menos aceitável. Acho-me perfeitamente à vontade na livraria. Mas na Câmara é certo que faria uma figura bem chinfrim. Nenhuma conveniência em mudar de officio neste fim de vida. Está explicada, suponho, esta desambição aparente. Contudo, se me falta o desejo de passar algumas horas por dia cochilando, rosnando a partes chochos, isto não quer dizer que me desinteresse da política nacional e encolha os ombros à eleição. De modo nenhum. Entreguei-me de corpo e alma a um Partido, o único, estou certo, capaz de nos livrar da horrível situação em que vivemos, e este Partido apresenta-se às urnas. Sou forçado a pedir a vocês, para os nossos melhores candidatos (insisto em declarar-me completamente livre de qualquer pretensão), os vinte e quatro

votos que me poderiam, com boa vontade, conceder. Examinem as chapas dos partidos reacionários. Só existem nelas, em toda a parte, figuras da classe dominante. Nós, comunistas, escolhemos representantes da burguesia e do proletariado: operários, camponeses, industriais, comerciantes, artistas, professores, médicos, engenheiros, jornalistas, advogados, escritores. Quando nos preparamos para dar ao país uma constituição, não é razoável que ela seja uma constituição de proprietários. É impossível que o capitalista continue a dominar-nos, não por ser digno, mas por ser capitalista. Vocês, meus raros amigos de Alagoas, poderiam ajudar-nos a afastar da nova carta alguns desses artigos ou parágrafos em que a gente infeliz se aperta como em torniquetes. Realmente vocês são bem pouco numerosos. Mas cada um, nestes breves dias que nos restam, poderá convencer uma tia ou sogra, que influirá na vizinha com rapidez, e assim por diante. Poderemos eleger pessoas que representem o Estado. Porque até hoje — com franqueza — que foi que os nossos deputados representaram? E com isto, meus velhos amigos, despeço-me de vocês e envio-lhes muitos abraços.

G|.]

Arquivo Graciliano Ramos — IEB
Série Manuscritos, Crônicas,
Ensaios e Fragmentos (cota 10) e
Série Recortes, Sub-série
Produção do Autor